



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11999 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

PESQUISAR CONVERSANDO, CONVERSAR PESQUISANDO: INVESTIGAR NARRATIVAMENTE PROCESSOS FORMATIVOS DOCENTES

Tiago Ribeiro da Silva - INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Luciana Andréia Rodrigues Furtado - INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PESQUISAR CONVERSANDO, CONVERSAR PESQUISANDO: INVESTIGAR NARRATIVAMENTE PROCESSOS FORMATIVOS DOCENTES

O texto congrega reflexões tecidas no desenvolvimento de duas pesquisas de doutorado, uma já defendida e uma em andamento. Ambas as pesquisas guardam a similitude de investigar processos formativos docentes coletivos em que a narrativa e a experiência são nutrientes e dispositivos de formação, bem como a partilha e discussão, a partir da própria prática docente e da experiência vivida, são elementos potencializadores e trans-formativos. Assim, reúnem-se problematizações acerca de práticas investigativas dos/nos/com os cotidianos escolares, as experiências educativas e os processos formativos dos sujeitos praticantes (CERTEAU, 2012) desses cotidianos.

Nesse sentido, assumimos o lugar de fala (RIBEIRO, 2019) de professores da educação básica e, desse lugar singular, dialogamos com princípios e ensinamentos muito importantes ao campo dos estudos nos/dos/com os cotidianos (OLIVEIRA; ALVES, 2008), tais como o cuidado epistêmico constante em relação às teorias e conhecimentos aos quais damos as mãos; a escuta sensível e atenta ao outro, sua voz e sua existência singular; a experientiação e realização de pesquisas encarnadas e vivas; e o reconhecimento do outro como legítimo.

Alimentam essas reflexões as trajetórias, movimentos e aprendizagens que temos

podido tecer com outros sujeitos, também praticantes dos cotidianos escolares, em nossos processos investigativos. Processos que têm revelado a investigação e a formação como dimensões indissociáveis e retroalimentadas, em que a experiência de cada um, sua história, sua biografia, sua trajetória, assim como os oceanos de sentido que isso comporta, têm muita importância, sim...! Porque nos constituímos através de redes de saberes e sujeitos (ALVES, 2010), das teias de sentido que nos são apresentadas e podemos vivenciar e tecer; tornamo-nos quem estamos sendo, fazemo-nos e refazemo-nos através das histórias que nos contam e contamos: a vida é narrada (RICOUER, 2010).

Ao compreender a vida como experiência narrativa, narrada e narrável, compreendemos também que assim são os processos vividos. Portanto, pesquisar também pode ser uma aventura narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015) através da qual cartografamos, nos/dos/com os cotidianos, histórias (auto)biográficas, trajetórias e práticas educativas. Nas duas ações investigativas a partir das quais tecemos este texto, vivenciamos as conversas (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018) e as rodas de conversações (REIS; OLIVEIRA, 2018) como metodologia tecida compartilhadamente, de modo polissêmico e polifônico, em que os lugares são fluidos.

Compreendemos, desde já, a conversa como relação constelada que envolve não apenas o que se diz, os conteúdos das falas, mas uma pluralidade de gestos, sinais, contextos e outros elementos que, por vezes, nos escapam. Uma conversa é gerúndio, estar sendo, um acontecer, fluxo no qual se entra, mar polissêmico e polifônico no qual se mergulha: relação e conversação nas diferenças (SKLIAR, 2019). Importa, numa conversa, tanto quanto as palavras, os silêncios, os não ditos, os olhares, os corpos inteiros: as narrativas não estão na boca nem na mão; estão no corpo, são corpo. Daí que investigar com outros sujeitos a partir e nas conversações é cartografar narrativamente processos, relações, acontecimentos, encontros... performar, narrar.

A ideia da conversa como modo de viver e habitar o investigativo (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018) poliniza nossas pesquisas; possibilita florescer outras maneiras de construir, coletivamente, nossas investigações, transbordando linguagens e limites. Convida-nos a investir nas rodas, esse elemento que não tem começo nem fim; são posições que se unem na possibilidade de olhar em todas as direções, de ser comum-idade. Na roda, quem fala pode ser visto por todos que ali estão, em um ciclo de olhares, escuta e fala. Nos terreiros de candomblé da periferia do Rio de Janeiro, as crianças são ensinadas que na roda dançamos para celebrar nossos ancestrais, em roda nos sentamos para escutar os ensinamentos dos mais velhos, de uma cultura que se baseia na oralidade. Além da importância da roda, nos é ensinado, nos terreiros, também sobre o encantamento das palavras. Por meio delas entoamos cânticos que são nossas orações, abençoamos e bendizemos a vida, pois acreditamos nesta força como o sagrado que habita em nós! Por meio das palavras narramos a vida, o mundo e a nós mesmos. A palavra narrada nos dá a ver, nos anuncia e denuncia; é condição vital (KRENAK, 2019).

A vida, acreditamos, é narrativa e se efetiva no coletivo. Pesquisar com, e não sobre, tem um pouco disso. A pesquisa se efetiva no coletivo, no encontro com o(s) outro(s). Nas conversas e rodas de conversação é assim: nem tua voz, nem minha voz, mas nossa voz, essa construção que se dá no acontecimento, no encontro, sem prescrição anterior (SKLIAR, 2018). por meio das rodas de conversa, a vida que praticamos brota, aflora, se dá a ver. As histórias são fios de sentido que enriquecem e coloreem nossas possibilidades de interpretação e compreensão do vivido.

Os saberes e conhecimentos ancestrais nos convidam a reconhecer a potência da palavra e de sua partilha, de sua escuta atenta, da acolhida à palavra do outro como seu corpo. Conversar é partilhar a palavra, o próprio corpo. E, em nossas pesquisas, temos percebido que se conversa de muitas formas: presencialmente, virtualmente, por escrito, por e-mail, por redes sociais, por áudios gravados... Em comum, o desafio ético de não silenciar, não negar, não abissalizar a fala do outro e sua experiência (SANTOS, 2010).

Assim, no presente trabalho, narramos movimentos teórico-metodológicos em torno das narrativas, da conversa e das rodas de conversação vividos em nossas pesquisas. Convidamos a conversar, a pensar sobre a conversa e a roda de conversa como metodologias potentes nos processos educativos e formativos docentes. Vamos conversar?

Palavras-chave: pesquisa; formação; conversa.

Referências:

- ALVES, N. A compreensão de políticas na pesquisa com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n.113, p. 1195-1212, out.-dez. 2010.
- CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- REIS, G. R.; OLIVEIRA, I. Aprendizagens coletivas e ecologia de saberes: as rodas de conversa como autoformação contínua. In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
- RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017.

RICOUER, P. **Tempo e Narrativa 2**: A configuração do tempo na narrativa deficiente. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SKLIAR, C. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019.

SKLIAR, C. Elogio à conversa. In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayyu, 2018.